



ELLER, Jack David. **Introdução à Antropologia da Religião.**
Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 544p. ISBN: 978-85-326-5680-3

Mailson Fernandes Cabral de Souza *

Introdução

Jack David Eller é professor adjunto de Antropologia na University of Northern Colorado. Doutorou-se em antropologia pela Universidade de Boston, tendo como seu trabalho de campo as mudanças religiosas e processos culturais entre o povo Warlpiri da Austrália Central. Seus estudos se concentram nas áreas de religião, violência e antropologia psicológica. Publicado originalmente em inglês em 2007, pela editora Routledge, o livro *Uma introdução à antropologia da religião (Introducing anthropology of religion: culture to the ultimate)*, trata-se da primeira obra do autor traduzida para o português. O livro se encontra em sua segunda edição, revista e ampliada, publicada pela mesma editora em 2015, sendo esta a versão traduzida para o português. A obra é fruto do ensino e experiências de pesquisa de Eller e de sua busca por desenvolver uma série de temas determinantes não só para compreender a religião, mas também a abordagem antropológica do fenômeno.

A obra está organizada em seis temas: a) a diversidade das religiões, isto é, como elas variam entre elas ao redor do mundo sob múltiplas formas; b) a diversidade no interior das religiões, ou seja, como dentro de uma religião existe

Resenha recebida em 21 de janeiro de 2019 e aprovada em 26 de abril de 2019.

* Mestre e Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). País de origem: Brasil.
E-mail: mailsoncabral@yahoo.com.br

uma variedade de crenças e práticas distribuídas no tempo e espaço; c) a integração da religião com sua cultura circundante. Posto que todas as partes de uma cultura estejam interconectadas e se influenciam mutuamente, a religião tenderia a reproduzir um *ethos* de cada cultura e sociedade em que está inscrita. d) a modularidade da religião, uma vez que esta última não é entendida como monolítica e única, mas um composto de muitos elementos, podendo ela ter seus cognatos não religiosos (política, economia gênero, etc.); e) a relatividade da linguagem. Os termos utilizados na análise antropológica da religião por vezes podem estar carregados de uma concepção sobre a religião que tenha como o seu horizonte o cristianismo, estabelecendo categorias que, quando aplicadas para outras religiões, são incompatíveis para analisá-las; f) o caráter local e prático da cultura e da religião. Visto que as religiões são multiformes internamente, uma mesma religião poderá variar a depender do seu contexto.

São esses temas que orientam o eixo expositivo do livro, dividido em doze capítulos, e suas respectivas análises. A proposta da obra é fazer uma antropologia da religião comprometida em investigar as manifestações sociais contemporâneas e as formas com que elas se associam com a religião.

Escopo da obra

O primeiro capítulo apresenta as principais definições e teorias do campo antropológico. Para Eller, a melhor maneira de entender a antropologia seria concebendo-a como a ciência da diversidade dos seres humanos, em seus corpos e comportamentos. A antropologia da religião seria, portanto, a investigação científica da diversidade das religiões humanas. Nesse contexto, o conceito de cultura é central, posto que o estudo antropológico implica em olhar algo como comportamento humano aprendido e compartilhado.

Essa orientação básica da antropologia levaria em consideração três aspectos da perspectiva antropológica. a) A antropologia procede através da descrição comparativa ou intercultural. Uma vez que o processo é seu o trabalho de campo, o

método principal da antropologia é a observação participante. Seu produto é o estudo de caso ou etnografia e sua peculiaridade seria usar o particular para dizer algo sobre o geral; b) A antropologia adota uma posição de holismo. Parte-se da premissa que qualquer cultura é um todo mais ou menos integrado com partes que operam de maneiras específicas uma em relação à outra e que contribuem para o funcionamento do todo. As quatro áreas de atividade de todas as culturas (economia, parentesco, política e religião) se articulam nessa perspectiva, ligando-se também às questões mais difusas de linguagem e gênero, refletindo-as e afetando-as mutuamente; c) A antropologia defende o princípio do relativismo cultural, posto que ela reflete o entendimento que cada cultura tem seus próprios padrões de compreensão e julgamento. Nesse sentido, o relativismo cultural seria um resultado do estudo intercultural e holístico.

O segundo capítulo trata da crença religiosa e das entidades e conceitos a ela subjacentes. O autor afirma que qualquer religião contém certas ideias e concepções sobre tipos de coisas que existem no mundo, com que elas se parecem e o que elas fizeram. Isso poderia ser classificado como a ontologia que cada religião encarna, os existentes que ela postula: seres, forças e fatos da realidade religiosa. Esses elementos são chamados de crenças da religião.

As crenças religiosas são um subconjunto das crenças em geral. Enquanto questão subjetiva ou psicológica, as crenças são adicional e necessariamente interpretadas como estados mentais dos indivíduos. Ou seja, se dissermos que uma pessoa crê em algo, fazemos uma afirmação a respeito das representações mentais dessa pessoa. Elas seriam o conjunto de ideias religiosas sobre seres e forças que fundamentariam um determinado sistema cultural. Esses seres podem ser seres religiosos, espíritos humanos e espíritos não humanos, ao passo que as forças religiosas podem designar um tipo de energia, destino ou sorte. A presença e a ênfase desses elementos irão depender de cada religião e seu respectivo contexto cultural.

O terceiro capítulo trata do sentido e poder espiritual no mundo físico e social, isto é, os símbolos e os especialistas religiosos. Os símbolos não são meras representações de coisas, mas são coisas repletas de poder, inclusive podendo esse poder ser o seu sentido. O mesmo vale para os especialistas religiosos: apesar de não representarem seres e forças religiosas, eles podem substituir essas entidades, atuando como seus representantes ou intermediários no mundo humano. A religião, no olhar da antropologia, poderia ser considerada como um conjunto de símbolos, sendo a própria cultura um sistema simbólico, dos quais a religião é um filão, embora particularmente relevante. Seria tarefa da antropologia interpretar ou decodificar esses símbolos.

A função dos símbolos consistiria em controlar o comportamento. Os símbolos religiosos significam algo, mas também são algo (objetos, palavras ou ações). Os símbolos podem, inclusive, ser coisas ou forças: espaços sagrados, ícones, talismãs, amuletos, relíquias, máscaras, textos; ou pessoas que eles representam, o corpo humano, textos, especialistas religiosos (xamã, sacerdote, oráculo, profeta, médium, asteca, monge, mendicante, feiticeiro, bruxo).

O quarto capítulo examina a linguagem religiosa que, muitas vezes, é entendida como mito. Este último, na verdade, é uma forma extremamente comum e importante de discurso religioso, mas de modo algum seria a sua única forma, ao passo que a linguagem religiosa seria um espectro mais amplo em que se situam as diferentes formas do discurso religioso (oração, encantamentos, cantos, provérbios, literaturas sapiencial e litúrgica, etc.).

O mito, dessa forma, é compreendido como uma linguagem religiosa “um tipo de história, especificamente uma história que envolve os feitos dos espíritos ou ancestrais humanos. Numa palavra, os mitos são narrativas a respeito das atividades e aventuras destes seres” (ELLER, 2018, p. 137). Ele representa uma aparição do sagrado no meio do profano. Alguns tipos e temas de mitos recorrentes nas culturas são os mitos de criação, dilúvio, matar um monstro, caso de incesto, rivalidade entre irmãos, castração e divindade andrógina. Em síntese, os mitos são repositórios de ideias culturais sobre temas como cosmologia e cosmogonia.

O quinto capítulo tem por finalidade observar e examinar o sentido, a função, origem e variedade do ritual. Os rituais são compostos de diferentes atividades: oração, música, exercícios fisiológicos (automutilação, jejum, uso de drogas, etc.), exortação, mito, simulação, poder, tabus, festas, sacrifícios, congregação, inspiração, simbolismo e objetos religiosos. Eles têm funções técnicas e terapêuticas, assim como podem possuir caráter ideológico, acarretando muitos gêneros de ação, indo da linguagem a itens materiais, comidas e outros elementos. Mesmo sendo um fenômeno primariamente religioso, o ritual não exige a priori nenhuma crença sobrenatural. A tendência em ver o ritual como algo estritamente religioso, adverte Eller, distorce tanto a religião quanto o ritual.

Em síntese, os rituais são entendidos como componente chave da religião. Toda interação social humana acontece sob um código de convívio que comenta, representa e leva a cabo essas interações. Em razão disso, as interações religiosas devem ser compreendidas como instâncias de um código comportamental e simbólico. Por conseguinte, o comportamento religioso também deve ser considerado ao menos parcialmente real, posto que os rituais não são meramente informativos, mas transformadores dessas interações.

O sexto capítulo analisa a relação entre religião e moralidade, sendo esta última concebida como códigos ou padrões de comportamento individual atuando em conjunto com a ordem e as instituições da sociedade. O interesse é descobrir como esses sistemas contribuem para a sociedade e para a construção e transformação dos indivíduos. Embora a religião não seja a única fonte de sanções e normas, ela é potencialmente a mais segura.

A antropologia analisa a moralidade levando em conta a diversidade, a construção social e a relatividade da linguagem. A moralidade é entendida como o acúmulo muito variado de moralidades – assim como a compreensão do conceito de religião segue o mesmo raciocínio. O autor constata que em muitos casos “os estudos da moralidade têm sido tentativas não tanto de descrever e explicar a moralidade quanto de propor uma – ou a – moralidade verdadeira ou melhor”

(ELLER, 2018, p. 208). A moralidade seria uma consequência de viver num grupo social e ser sensível a ele, configurando-se como uma prática social.

O sétimo capítulo examina a permanente construção da religião. O autor ressalta que mesmo as religiões mais tradicionais já foram dinâmicas e nenhuma fase específica delas foi a verdadeira ou a tradicional. Embora muitas tradições reivindiquem que se ocupam do passado, disso não se pode deduzir que esse passado seja necessariamente antigo ou sequer real. O autor ressalta que esse processo não é tão moderno quanto possa parecer: “a invenção da tradição não é exclusiva do mundo moderno. A tradicionalização de sociedades tradicionais tem sido mais difícil de ver e de aceitar” (ELLER, 2018, p. 247).

Esses movimentos de mudança religiosa, por seu turno, também criam novos movimentos religiosos que “surgem como respostas, acomodações ou protestos contra circunstâncias sociais novas e insatisfatórias. Por isso, [...] explicá-los é examinar as relações dinâmicas entre estes movimentos religiosos e a sociedade emergente na qual eles ocorrem” (ELLER, 2018, p. 251). Ou seja, eles surgem quando os indivíduos se encontram em circunstâncias de tensão social crônica, decorrente da combinação mal sucedida entre suas crenças e comportamentos atuais e o funcionamento do seu novo mundo social.

O oitavo capítulo enfoca o fenômeno das religiões translocais (o islã e o cristianismo). O capítulo explora as categorias, desenvolvidas por Robert Redfield, de religiões locais e religiões translocais, isto é, pequenas e grandes tradições. O primeiro termo se refere às pequenas religiões que foram produtos de experiências de um tipo de sociedade pequena que, ao menos no seu início, eram autônomas e autossuficientes, sendo socialmente homogêneas e com forte senso de solidariedade de grupo. O segundo termo se refere às religiões que, situadas em circunstâncias sociais e políticas em expansão, tiveram seu ethos de religião redefinido. As religiões translocais são desenraizadas de seu contexto social primário para se tornarem religiões itinerantes e, em muitos casos, missionárias/proselitistas. Elas também se caracterizam por serem movimentos de

associação voluntária, tendem a ser individualistas e possuem uma elaboração da sua ortodoxia por escrito (um cânone), sendo o cristianismo e o islamismo as religiões translocais mais bem sucedidas em sua expansão.

Ao pensar a antropologia do cristianismo, o autor ressalta que ela foi a última grande área da antropologia religiosa a ser examinada pela literatura etnográfica. Algumas das razões apontadas para isso são: os antropólogos avaliarem o cristianismo como uma presença intrusa em cosmologias locais; os significados do cristianismo serem óbvios para os antropólogos pelo fato de que quase a totalidade dos pesquisadores serem pertencentes a uma cultura cristianizada. Eller também destaca a importância da antropologia estudar o cristianismo oriental (ortodoxo e copta), ainda pouco investigado, sobretudo por ter diferenças muito pontuais em relação ao cristianismo ocidental.

O nono capítulo examina como o fenômeno da religião centralizada, profissionalizada e padronizada leva a variações entre o que a religião oficial diz e o que as pessoas realmente praticam. A expressão religião vernácula designa a religião como ela é vivida, isto é, como as pessoas se encontram com ela, a entendem, interpretam e praticam. Em razão disso, as fronteiras entre religião oficial e vernácula são sempre borradas, da mesma forma como ficam borradas as fronteiras entre as diferentes religiões e entre religião e não religião.

Na atualidade, uma das importantes formas de atualização da religião vernácula se dá por meio da TV e do cinema, assim como pelas novas tecnologias (internet, redes sociais, etc.). Outra forma de atualização ocorre por meio da relação com os negócios e a economia. Num contexto de contra identificação ao capitalismo, há os movimentos de economias ocultas, que se caracterizam como respostas religiosas à conjuntura capitalista, contra suas formas de espoliação e injustiças e suas misteriosas normas e operações.

O décimo capítulo faz uma análise das relações entre religião e violência. O autor argumenta que as compreensões sobre a relação entre religião e violência sofrem de três problemas: examinam um número muito limitado de religiões, em

geral o cristianismo e o islamismo; consideram uma quantidade limitada de casos, terrorismo e guerra santa; tendem a culpar ou isentar a religião da violência. Uma compreensão mais precisa da violência da religião exigiria um exame de maior abrangência das religiões e considerar que a violência não é inerente ou inimiga da religião, mas um comportamento construído culturalmente, conseqüente de condições sociais específicas, que não são exclusivas da religião, mas que são comuns a ela.

O autor lembra que existem diferentes formas de violência, e que tendemos a pensar somente grandes explosões de violência física (como ataques terroristas e guerras), mas também há violência estrutural, política, simbólica. Nesse sentido, a religião pode funcionar como explicação e justificação da violência. “A religião faz parte da cultura e a violência faz parte da cultura. É quase inevitável, portanto, que religião e violência acabem entrelaçadas. [...] a religião deve ajudar as pessoas a entender a violência empírica e inegável no mundo natural e social e pode também servir, ela própria, como razão da violência em certas situações contra certos alvos” (ELLER, 2018, p. 364-365).

O décimo primeiro capítulo investiga as relações entre secularismo e irreligião. Uma das dificuldades, para os antropólogos, de se estudar o secularismo se deve ao fato de que ele não possui um *topos*, isto, é uma comunidade, não está delimitado em determinados locais para que se possa fazer um trabalho de campo. Por isso, o secularismo tende a ser interpretado, em muitos casos, como inexistente ou antinatural e antissocial em determinados grupos humanos.

A teoria da secularização tem sido uma marca no campo da sociologia e da antropologia por mais de um século. Ela defende que com o advento da modernidade a religião tenderia a ser reduzida à esfera privada e que a sua força e representatividade no espaço público perderia força e representatividade. O conjunto desses processos produziu à progressiva automização dos setores sociais em relação ao domínio do sentido religioso e das instituições. Eller argumenta que uma antropologia do secularismo deve analisar o secularismo como uma doutrina

social e política, e o secular como um conceito ou categoria social. O secularismo e o secular, da forma como são concebidos hoje, são produtos do pensar europeu ocidental, sendo toda essa discussão fruto da experiência ocidental na qual o cristianismo traçou a linha divisória entre religião e mundo, sagrado e profano, tendo as ciências sociais absorvido essas categorias. O uso de terminologias como secular, secularismo, irreligião ou ateísmo também estariam atravessados pelo mesmo problema.

O décimo segundo capítulo analisa o fundamentalismo religioso. O fundamentalismo não é exclusivo da religião, mas é um estilo de civilização que pode ocorrer em qualquer área da cultura. Embora ele possa ser um fenômeno moderno, ou pelo menos certa forma de resposta aos desafios postos pela modernidade, é possível identificá-los também em contextos pré-modernos.

O autor argumenta que dois pontos precisam ser considerados. a) O fundamentalismo religioso é para alguma coisa, isto é, promove aquilo que constitui a cosmovisão e a verdade para os seus praticantes; b) O fundamentalismo religioso é contra alguma coisa, estabelecendo uma atitude exclusivista, tensa e até militante. Da mesma forma que existem múltiplos modos de religiosidade, também existem diferentes modos de fundamentalismo, nem todos políticos e nem todos violentos. Portanto, o fundamentalismo não seria um fenômeno monolítico e a relação entre fundamentalistas e a sociedade circundante não assumiria uma única forma (conflituosa). Os fundamentalismos não são programas puramente negativos (oposicionistas de uma ordem), mas também a favor de determinadas causas. Os fundamentalismos são movimentos de revitalização religiosa que surgem em todas as sociedades durante períodos de perturbação e declínio social. Eles não representam a boa ou a má religião, mas uma das muitas variações que a religião pode assumir em determinadas circunstâncias históricas e sociais.

Considerações finais

A obra introduz o leitor em temas-chave do campo da antropologia, além de aplicar uma abordagem antropológica ao estudo da religião no mundo contemporâneo, trazendo diferentes relatos etnográficos ao longo dos capítulos. O autor examina também questões importantes como moralidade, violência, fundamentalismo, secularização e novos movimentos religiosos.

No entanto, a obra carece de uma apresentação sobre o autor e lança o leitor direto ao texto. Não haveria problema nisso, não fosse o caso deste ser o primeiro livro de Jack David Eller traduzido para o português e o fato de seus trabalhos ainda serem pouco difundidos nos ciclos de estudos de religião no país. O que não se configura propriamente como um demérito do livro, mas talvez um descuido na apresentação da obra para a nossa língua.

No que se refere ao conteúdo do livro, deve-se reconhecer o esforço do autor em produzir tamanha sistematização de temas da antropologia da religião e a bibliografia atualizada da qual ele se serve. Nesse sentido, a obra pode ser considerada um verdadeiro manual, introduzindo o leitor aos atuais debates que se travam no âmbito da antropologia, além de possuir uma linguagem acessível para quem está minimamente familiarizado com os conceitos e vocabulário antropológicos.

O ponto negativo que pode ser apontado é a falta de um capítulo final que sintetizasse o percurso feito na obra. Embora ao término de cada capítulo sejam levantadas questões sobre os tópicos abordados, faltou ao autor levar a cabo algum tipo de encaminhamento geral das discussões suscitadas ao longo do seu trabalho, dada a extensão da obra e do conteúdo nela abordado, dificultando a produção de uma síntese do texto por parte do leitor.